

Défices projetivos e estratégias de planificación cultural no campo editorial dum sistema periférico (Galiza: 1968-1978)

Roberto López-Iglésias Samartim

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM, ROBERTO (2011 [2010]). “Défices projetivos e estratégias de planificación cultural no campo editorial dum sistema periférico (Galiza: 1968-1978)”. En M^a Amparo Tavares Maleval e Laura Tato Fontaiña (eds.), *Estudos Galego-Brasileiros 4. Lingua, Literatura, Identidade*. A Coruña: Universidade da Coruña, 255-276. Reedición en *poesiagalega.org*. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/376>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

LÓPEZ-IGLÉSÍAS SAMARTIM, ROBERTO (2010). “Défices projetivos e estratégias de planificación cultural no campo editorial dum sistema periférico (Galiza: 1968-1978)”. En M^a Amparo Tavares Maleval e Laura Tato Fontaiña (eds.), *Estudos Galego-Brasileiros 4. Lingua, Literatura, Identidade*. A Coruña: Universidade da Coruña, 255-276.

* Edición dispoñíbel desde o 1 de marzo de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

Défices projetivos e estratégias de planificação cultural no campo editorial dum sistema periférico (Galiza 1968-1978)¹

Roberto López-Iglésias Samartim
Universidade da Coruña (Grupo Galabra - USC)

O estudo do caso galego entre 1968 e 1978 permite abordar as transformações que experimentam os campos culturais dum sistema da periferia europeia que, para além de assistir nesta altura a um processo de institucionalização e aumento da autonomia paralelo ao verificado no campo político, compartilha (ou disputa) espaços sociais com outro sistema cultural que desfruta por seu lado duma forte estabilidade e refrendo institucional (aqui, o espanhol). Neste trabalho estudamos, precisamente, as estratégias para superar a instabilidade e as deficiências desse sistema periférico presentes nos programas propostos polos principais grupos e agentes que atuam no campo editorial do período em foco.

1 O presente trabalho é resultado das pesquisas realizadas por uma equipa do Grupo Galabra, registado na Universidade de Santiago de Compostela (USC), no seio do projeto FISEM-POGA (“Fabricação e socialização de ideias num sistema cultural emergente durante um período de mudança política: Galiza 1968-1982”), subsidiado polo Ministerio de Ciencia e Innovación do Governo da Espanha entre 2009 e 2011 (FFI2008-05335/FISO). Igualmente, este trabalho resulta da revisão e ampliação da comunicação “Estratégias de planificação cultural no campo editorial (ou das relações entre os projectos do fim da ditadura e o mercado do livro na Galiza autonómica)”, apresentada no *IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas* (Universidade da Madeira, Funchal, de 4 a 9 de Agosto de 2008). Em ambos os casos partimos do conhecimento sobre o Sistema Cultural Galego deste período fornecido por contributos anteriores da mesma equipa investigadora (nomeadamente, acompanhamos Cordeiro Rua e Samartim 2008 na apresentação das principais características do campo editorial).

Começamos a nossa pesquisa realizando um levantamento dos principais problemas (défices) detetados no funcionamento do Campo Editorial Galego (CEdG) polos agentes nele mais ativos entre 1968 e 1978; na continuação, analisamos o grau de aplicação das soluções propostas para esses problemas num campo e num período determinantes tanto para o funcionamento como para a evolução posterior do conjunto do Sistema Cultural Galego (SCG). Para isso, em primeiro lugar, anotamos e sintetizamos as ideias-força relacionadas com os défices e com as estratégias (programas de ação) e as propostas para o futuro do CEdG contidas nos livros coletivos *O Porvir da Língua Galega (PLG)*, *O Libro Galego a Discusión (LGD)* e o *Almanaque Galaxia 1950-1975 (AG)*. Numa segunda fase de apresentação deste trabalho, acompanhamos a exposição sumária das principais características que determinam o funcionamento do CEdG durante o período abrangido entre 1968 e 1978 e analisamos o grau de implementação neste campo das propostas e expetativas colocadas polos principais agentes nele atuantes nesta altura.

A escolha destes três livros vem determinada porque, de acordo com a sua natureza coletiva e com a posição e a trajetória das pessoas que neles participam, aqui estão representados os principais agentes e grupos ativos no SCG do nosso período de estudo, achegando ideias não apenas sobre o campo literário mas também sobre outros campos culturais considerados na altura estratégicos para a sobrevivência e a continuidade do Sistema (ensino, música, cinema, associacionismo cultural de base, etc.). Para além disto, as datas em que foram publicadas estas obras servem também de balizas de controlo na abordagem do nosso objeto de estudo: no caso do *PLG*, este sai do prelo no início do período investigado (1968), polo qual nele se contêm as expetativas que à partida manifestavam os participantes no sistema; o *LGD* tem para nós um interesse específico já que nele foram recolhidos os resultados dum encontro sobre o “livro galego” realizado em 1972; tanto este *LGD* como o *AG* são editados no fim de 1974, ano em que, após o assassinato em finais de Dezembro de 1973 de Carrero Blanco (chefe do governo franquista e previsível sucessor do ditador), a perceção do iminente desaparecimento físico do general Francisco Franco origina importantes tomadas de posição e grandes expetativas de futuro nos campos político e cultural.

1. Défices Projetivos

Após o levantamento efetuado, podemos afirmar que existe unanimidade entre os agentes participantes nestes livros coletivos quanto à deteção dos principais défices no funcionamento do CEdG. Entendemos, com o professor Elias J. Torres Feijó, estes défices como projetivos “na medida em que indicam um vazio que se quer preencher (ou umha presença que se quer substituir), um projecto que se quer realizar” (Torres Feijó 2000: 975); no sentido, portanto, de que são elementos objetiváveis que indicam determinadas carências do sistema cultural na perspetiva dos agentes e em relação com o programa de ação que esses mesmos agentes dizem querer desenvolver (Torres Feijó 2004: 439).

Assim sendo, estes défices projetivos dizem respeito, fundamentalmente, à precariedade do mercado do livro em galego e à escassa diversificação da tipologia da produção, centrada em géneros estritamente literários (principalmente a poesia) e com praticamente nula presença de livros de divulgação, científicos e técnico-práticos na língua da Galiza (o conjunto de tipologias enquadradas hoje na denominação de livro funcional).

De acordo com esta ligação entre défices de funcionamento do campo editorial e língua de edição, é necessário referir já agora que a intervenção de agentes e instituições no CEdG é feita publicando tanto livros em galego como em castelhano. Esta situação explica-se em grande medida porque o galego não funciona de maneira unânime no SCG da altura como norma sistémica, isto é, como a baliza delimitadora da pertença a um Sistema Cultural concreto, neste caso o galego (veja-se Torres Feijó 2004: 429-430). Polo contrário, no CEdG da altura encontramos,

por um lado, a discussom do carácter da língua galega como (única) norma sistémica de alguns grupos e agentes actuantes no fim do franquismo [1968-1973] e na transiçom [1974-1978] no SCG e, por outro lado, a aplicaçom deficitária polos intervinientes neste sistema cultural do pretendido carácter de norma sistémica (défices derivados em grande parte da situaçom política existente sob o regime franquista), (...) (Cordeiro Rua e Samartim 2008: 165).

Em relação, então, com a **precariedade do mercado editorial**, os agentes que participam nos três livros coletivos de referência reconhecem de maneira explícita a ausência de qualquer planificação no campo da tradução de e para a língua da Galiza e duma política de promoção e divulgação eficaz e eficiente; para além disto, a esta precariedade é atribuída também a responsabilidade direta pola falta de profissionalização dos produtores. Neste sentido, as soluções propostas passam pola introdução do livro galego no mercado português; polo desenho duma política de tradução de e para o galego que preencha as necessidades apontadas no conjunto do CEdG (sobretudo no referido à diversificação da tipologia da produção) e pola promoção da edição de livros bilíngues castelhano-galego que permita o acesso ao mercado espanhol (uma das principais conclusões das comissões de trabalho realizadas durante as jornadas do *LGD*).

Precisamente, uma intervenção de Ramón Piñeiro sobre estas questões no *LGD* (22-23) fornece uma boa síntese da situação e das perspectivas do CEdG no fim do franquismo. Aqui, o líder da principal empresa editorial galega da altura (*Galaxia*) anota a precariedade do mercado do livro em galego, aponta que a política editorial levada a cabo por este grupo até essa altura esteve destinada a prestigiar o idioma, coloca as perspectivas de futuro na divulgação, popularização e extensão dos livros em galego, aconselha traduzir para a língua da Galiza antes de o livro sair ao mercado em espanhol (já que isto fornece prestígio e possibilidades para o alargamento do mercado aos produtos em língua galega) e aposta por uma política de difusão centrada na promoção na imprensa (jornais e rádio).

Já quanto à **escassa diversificação da tipologia da produção**, é unânime o reconhecimento da necessidade de promover a edição de géneros na altura minoritários (literatura infanto-juvenil e, sobretudo, ensaio) e incorporar ao sistema géneros novos (com nenhuma ou reduzida tradição no CEdG: biografia, foto-novela, banda desenhada, etc.). Da mesma maneira, documentamos a necessidade de promover a edição de livro de divulgação e técnico-prático em galego (o chamado livro funcional) e de apostar pola produção de materiais relacionados com a unificação e elaboração da língua da Galiza (cuja orientação quanto à relação desta com o castelhano e o português é discutida durante todo o período, e para além dele) e a previsível incorporação do galego à liturgia católica e ao ensino, possibilitada pelas resoluções do Concílio Vaticano II em 1965 e pola Ley General de Educación de 1971.

Num nível inferior de análise, juntamente com a preocupação pelo livro como objeto artístico (reconhecimento da figura do ilustrador e reforço do papel atribuído ao desenho e ao grafismo dos livros, presente sobretudo no encontro do *LGD* promovido pelo grupo Sargadelos, com interesses específicos no campo artístico) detetamos também tomadas de posição de agentes favoráveis quer à incorporação de novos produtores e editoras ao CEdG, quer ao reforço do papel que como plataformas de promoção e difusão do livro desempenhavam na altura as Associações Culturais promovidas pelos grupos de esquerda antifranquista (tal como declara na página 30 de *LGD* Manuel Maria, poeta ligado ao nacionalismo galego de orientação comunista).

Estas associações culturais de base (responsáveis por 4% da produção total em galego no período em causa) promovem para o CEdG, unicamente nesta língua e fundamentalmente através dos prelos de editoras já estabelecidas, obras de variada tipologia de acordo com o carácter abrangente da sua atividade cultural (prémios literários, ciclos de conferências, cursos, festivais de teatro, etc.). Entre as editoras que colocam no mercado os produtos relacionados com o labor destas associações destacam claramente os dous selos do grupo Galaxia, tanto SEPT, que para além de temática religiosa também atende ao ensaio económico e jurídico (com duas e cinco ocorrências, respetivamente), como a própria Editorial Galaxia, que recolhe ensaio económico, teatro e, sobretudo, os resultados do prémio de literatura infanto-juvenil organizado pela associação crunhesa O Facho (duas, três e cinco ocorrências para cada um dos géneros apontados). São precisamente estas tipologias, ensaio, teatro e infanto-juvenil (respetivamente com nove, cinco e sete referências), as relacionadas com o labor associativo que maior presença têm no CEdG deste período, facto que está a indicar para já o trabalho destas Associações Culturais no preenchimento dos défices do Campo Editorial².

2 Em relação com os prémios de teatro organizados por estas associações e a sua edição através de empresas editoriais, podemos ainda referir a publicação por Galaxia em 1968 de *Un Hotel de primeira sobre o río* de Xohana Torres (Prémio Castela de Teatro Galego do ano anterior, convocado pela associação compostelã O Galo), a *Viaxe ao país de ningures* de Manuel Lourenzo (Prémio de Teatro Infantil de O Facho em 1975, editado pela empresa viguesa em 1977), e os dous prémios de teatro convocados pela associação Abrente, da vila ourensã de Ribadavia, editados em 1977 na santiaguesa Pico Sacro, pequena editora criada em 1975 para a publicação unicamente de teatro que coloca 4 títulos no mercado durante a transição. No conjunto da edição própria, muito mais escassa, ao lado de folhetos publicitários das suas atividades, podemos destacar como mais uma mostra da variada tipologia das atuações destas associações culturais duas referências ao

2. O Estado do CEdG (1968-1978)

Essas declarações e tomadas de posição têm lugar num CEdG caracterizado, em primeiro lugar, pola **heteronomia** a respeito dos campos político e económico, tanto no referido ao livro publicado em galego como à produção do livro em castelhano.

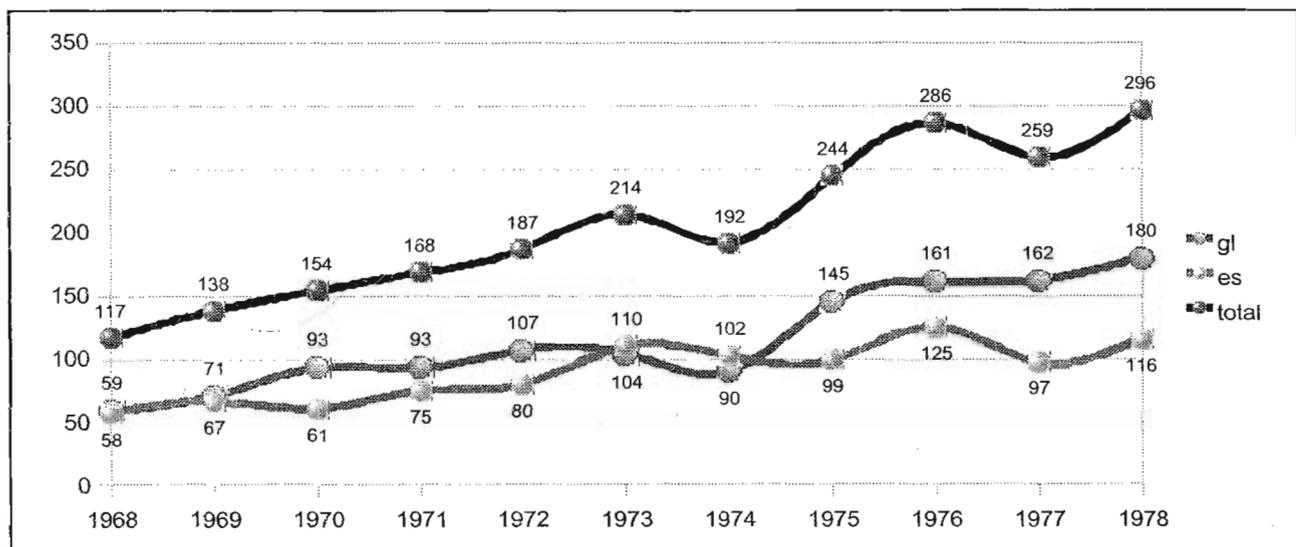


Figura 1: Produção do livro galego 1968-1978

Fonte: Cordeiro Rua e Samartim 2008: 169

De facto, se repararmos na Figura 1 colada acima, verificaremos antes de mais como a forte crise económica dos anos 1973-1974 é responsável polo descenso da produção editorial, ao tempo que faz com que a edição do livro em espanhol, principalmente devida a instituições oficiais (políticas, económicas e culturais), supere por primeira vez a quantidade de livros editados em galego, língua com um mercado interno mais reduzido e com importantes défices estruturais (nomeadamente quanto à standardização, à carência de materiais de ensino-aprendizagem e ao afastamento do sistema de ensino oficial).

ensino, um “método galego de lectura i escritura” (*Picariños. Falar, xogar i ler*) elaborado pola Asociación Católica de Mestres da Crunha e co-editado por Galaxia e a barcelonesa Casals em 1975, o curso de língua *Galego hoxe* (promovido por O Facho e editado polo jornal *La Voz de Galicia* em 1978) e ainda um livro da militante da UPG e ativista do feminismo Maria Xosé Queizán (*A muller en Galicia*) editado em Ponte Vedra pola asociación Amigos da Cultura em 1975.

Em segundo lugar, a morte do general Francisco Franco em 1975 e o paulatino desaparecimento dos condicionantes políticos à produção editorial contribui também para o aumento do volume de edição no fim do período, verificando ainda um leve estancamento na produção editorial em 1977 devido provavelmente à confluência duma precária situação económica com o intenso trabalho político dos grupos mais ativos no CEdG (em detrimento do estritamente cultural), mobilizados sobretudo em volta das eleições a Cortes de Abril desse ano, as primeiras em que foi possível validar um conjunto alargado de programas após 41 anos de ditadura no Estado Espanhol.

Outra característica do CEdG entre 1968 e 1978 é a incorporação de novos produtores e editoras, perceptível sobretudo depois da referida crise económica de 1973-74 e com as espetativas levantadas trás a morte do ditador em 1975 (Figura 2).

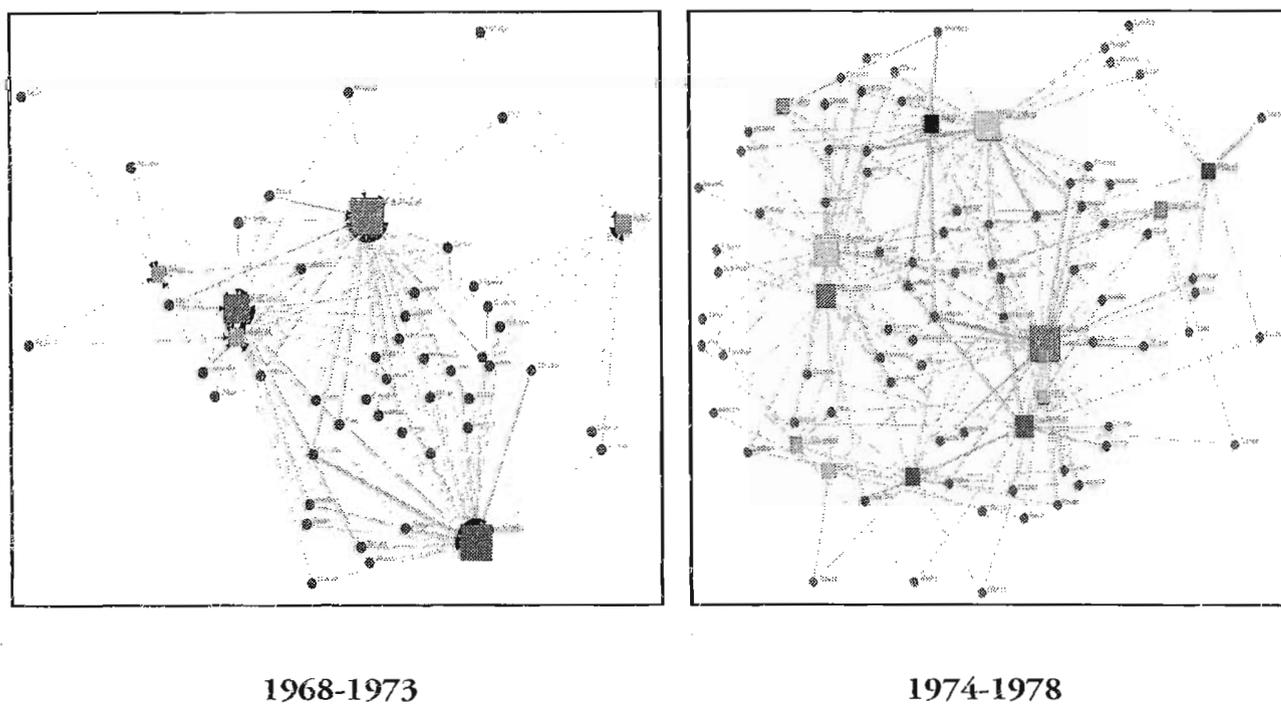


Figura 2: Incorporação de novos produtores e editoras

Fonte: Samartim e Cordeiro Rua 2009: 192-193

Esta incorporação de novas empresas editoriais (tanto sediadas na Galiza como em Madrid ou Barcelona) e de novos produtores ao CEdG é mostra dum maior envolvimento no trabalho social dos agentes e grupos presentes no SCG neste momento de mudanças políticas estruturais, acentua a fragmentação da

produção (tal como veremos imediatamente a seguir com apoio na Figura 3) e, como demandado por alguns dos agentes presentes nos livros coletivos analisados³, contribui para a diversificação da produção editorial na medida em que muda a hierarquia de géneros presente até esse momento no CEdG (o ensaio superará no fim do período à poesia). Porém, em virtude da especialização linguística que trataremos em último lugar, isto não se traduz na edição em galego de novos géneros nem de tipologias ligadas ao conhecimento científico-técnico, como pretendido polos participantes nos livros coletivos utilizados na nossa análise.

Chamamos a atenção igualmente para a **fragmentação da produção** e a **escassa profissionalização** do CEdG nesta altura quanto ao tipo de editor. Tal como podemos ver abaixo na Figura 3, o peso destes elementos no mercado editorial verifica-se em que a maioria relativa da produção (mais de 1/5) sai do prelo sem indicação de selo editorial (correspondendo-se com edições de autor, impressões em gráficas e edição não declarada [s.n.]).

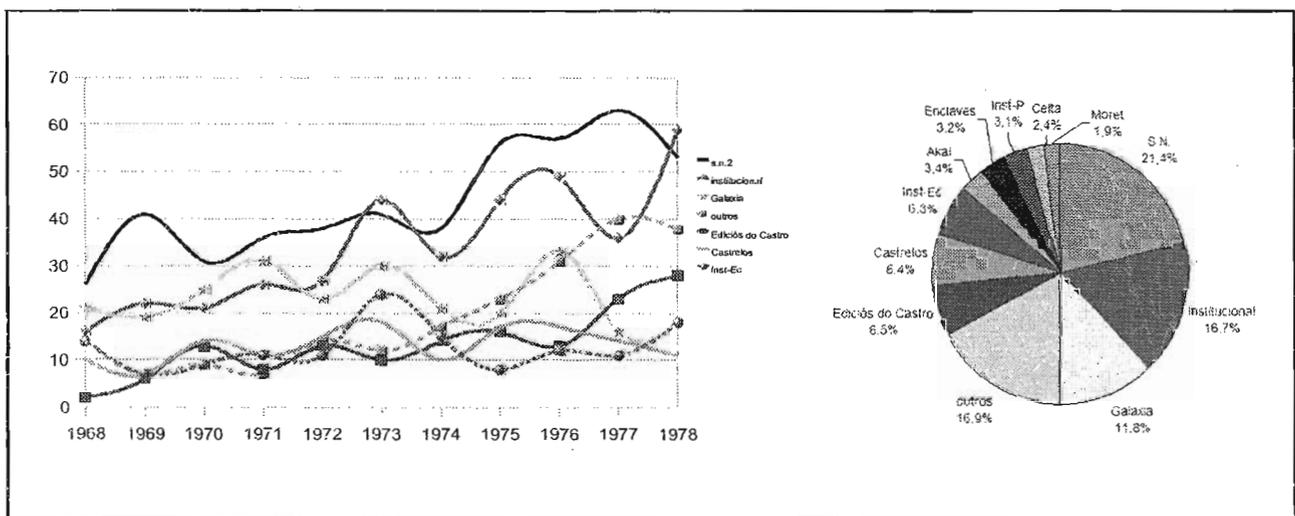


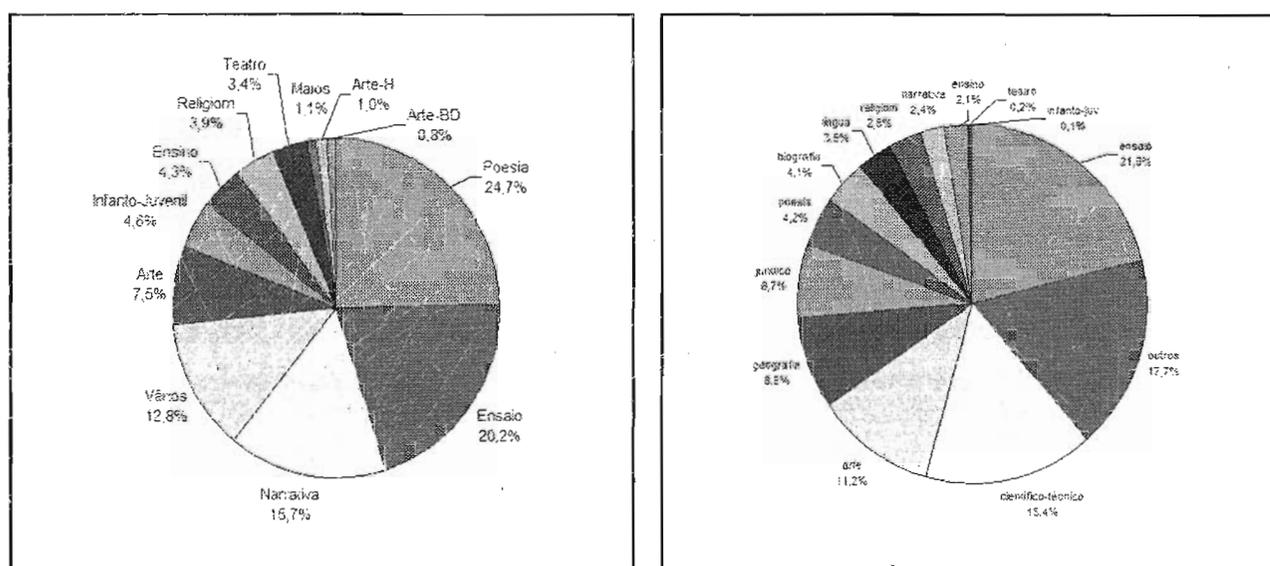
Figura 3: Fragmentação da produção

Fonte: Cordeiro Rua e Samartim 2008: 174 e 184

3 Em AG (99-100) por exemplo, o galeguista próximo deste grupo Xosé Luis Franco Grande entende que isto daria vitalidade ao sistema, asseguraria a sua continuidade e produziria uma maior diversificação da produção.

A isto devemos somar que mais de 1/4 da produção total é responsabilidade institucional (centrada no livro em castelhano, onde alcança quase metade [veja-se adiante a Figura 5]) e que o agrupamento de “outros” pequenos selos editoriais (que acumulam individualmente menos de 2% da produção) fica perto de significar 1/5 da edição total e é muito mais acentuada na edição em língua galega do que em castelhano. Esta preeminência da edição não profissional e da institucional, que reserva para o primeiro grupo editorial privado (Galaxia, virado claramente para a edição em galego) menos de 12% da produção total no CEdG do conjunto deste período, domina durante todo o tempo do nosso estudo, enquanto que a tendência à acumulação da produção num conjunto cada vez mas alargado de pequenas editoras, por seu lado, beneficia das incorporações ao CEdG apontadas acima e experimenta um incremento notável desde a morte de Franco em 1975 até o fim do período contemplado neste estudo.

Por último, em virtude da **especialização linguística** verificada no CEdG desta altura, o espanhol detenta a exclusiva da tipologia que veicula o conhecimento (livro científico-técnico) da mão fundamentalmente da edição institucional, e para o galego ficam reservados os repertórios enquadrados dentro dos vários géneros próprios da literatura de ficção (vejam-se as Figuras 4 e 5).

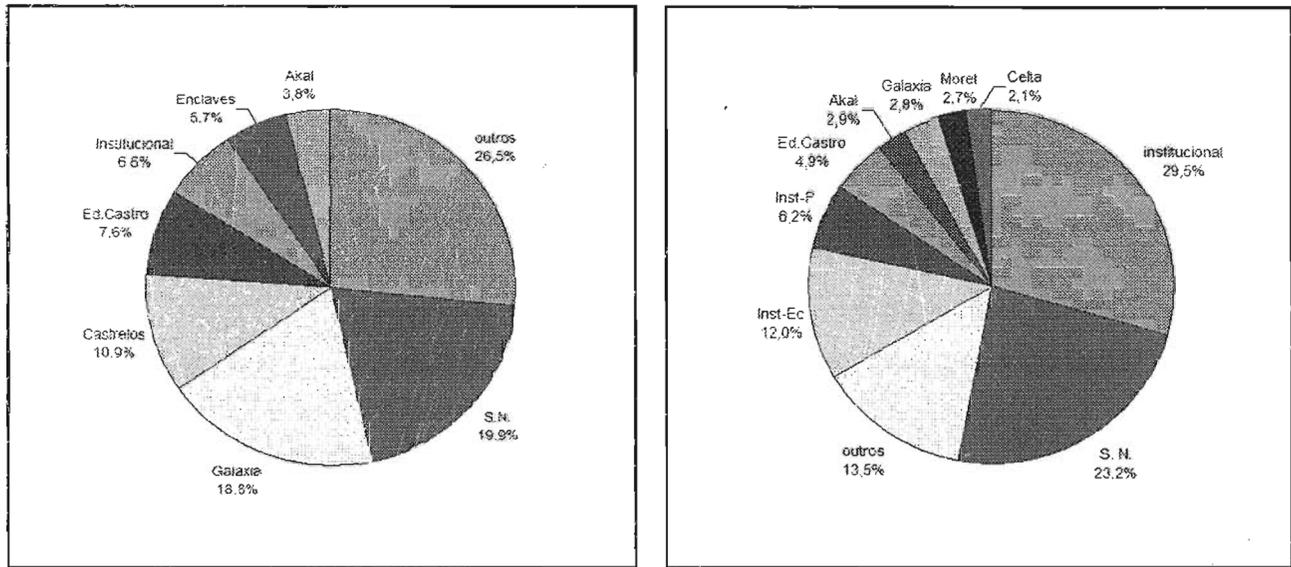


Livro em galego 1968-1978

Livro em castelhano 1968-1978

Figura 4: Especialização linguística segundo tipo de produto

Fonte: Cordeiro Rua e Samartim 2008: 184-185



Livro em galego 1968-1978 (> 3%)

Livro em castelhano 1968-1978 (> 2%)

Figura 5: Especialização linguística segundo tipo de editor

Fonte: Cordeiro Rua e Samartim 2008: 183

Assim, não é por acaso que a edição em galego de produtos destinados a veicular o pensamento e o conhecimento constitua um dos principais objetivos colocados pelos agentes que participam nos três livros que conformam o corpus deste trabalho (juntamente com a necessidade de ampliação de mercados para os textos nesta língua). Porém, ao contrário da proliferação de agentes e instituições no CEdG, este outro objetivo estratégico só é alcançado parcialmente: no que à edição de ensaio diz respeito, a crise económica de 1973-74 apenas atrasa o ascenso continuado da publicação deste género, incremento que leva o ensaio na língua da Galiza a superar no fim do período analisado o volume de produção de poesia, género historicamente privilegiado em sistemas culturais em processo de autonomização e, no caso do SCG desta altura, escolhido prioritariamente pelos agentes ligados aos grupos da esquerda clandestina para veicularem repertórios sociais de denúncia e oposição à ditadura franquista (veja-se a Figura 6).

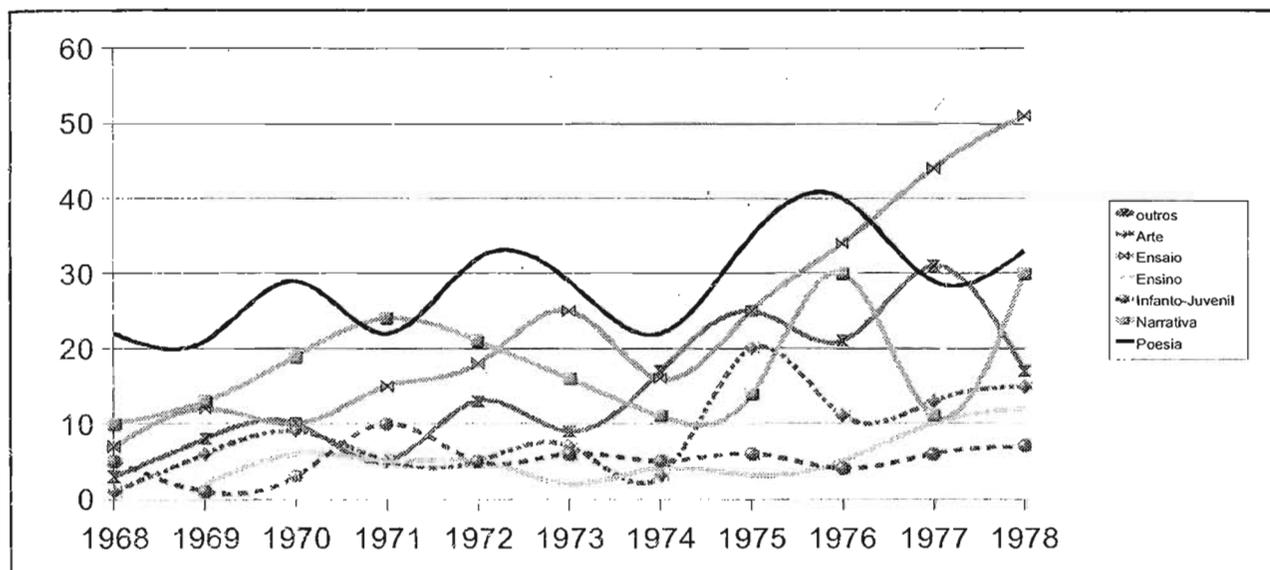


Figura 6: Livro em galego segundo o género (>5%)

Fonte: Cordeiro Rua e Samartim 2008: 179

Vemos, portanto, como o desaparecimento da figura do ditador faz mudar os materiais e as estratégias de oposição política desde o campo literário (plasmada tanto no descenso da produção editorial como na mudança nos repertórios utilizados na poesia) e abre a possibilidade de que possam chegar ao mercado na Galiza ensaios até ao momento proibidos ou com dificuldades de circulação por causa da censura de variada natureza exercida polo regime franquista. Mas este ascenso da produção não se verifica em nenhum momento no que diz respeito à edição em galego de tipologias próprias para veicularem o conhecimento (livro científico-técnico, jurídico, de geografia, biografia, linguística, etc.). Para esta especialização linguística contribui seguramente a ausência da língua galega do sistema educativo oficial até aos inícios da década de oitenta⁴, a falta de apoio institucional à edição nesta língua (as instituições políticas e culturais oficiais

⁴ Neste sentido, a necessidade de elaboração de materiais para a introdução da língua galega no campo do ensino faz com que os escassos produtos editoriais destinados a este campo entre 1968 e 1978 se correspondam com materiais para a aprendizagem do galego. Por outro lado, o principal grupo universitário presente no SCG da altura, o Instituto de la Lengua Gallega (*sic*, ILG), responsável pola elaboração da maioria destes textos e com objetivos específicos nos campos da codificação linguística e do próprio ensino, edita apenas em castelhano os seus trabalhos de investigação (principalmente focados para a dialetologia), indicando o grau de afastamento entre o galego e os repertórios científicos nesse momento.

só começarão a publicar em galego em 1978 e as económicas mantêm a edição quase exclusiva em castelhano ainda na atualidade), a reduzida dimensão e (como já foi referido) escassa profissionalização da precária indústria editorial galega nesse momento, ou mesmo o peso da tradição no SCG da altura, que contribuiria para a edição de géneros canónicos em prejuízo doutros com menor presença na história do SCG (por colocar apenas alguns dos principais elementos a condicionarem o funcionamento do CEdG neste período de mudança nas estruturas de oportunidade política).

3. Estratégias Planificadoras

É neste estado de campo que os principais agentes do SCG pretendem implementar as suas estratégias para alargar o mercado do livro (em) galego, programas de ação que, lembremos, descansam na abertura do livro editado na Galiza ao mercado português, no desenho duma política de traduções que preencha os défices do sistema e contribua ao seu reforço e na introdução de livros bilíngues galego-castelhano no mercado espanhol.

De acordo com o estado atual da nossa investigação, podemos afirmar que nenhuma editora ou grupo cultural na Galiza elabora nem aplica no franquismo, na transição ou na atualidade qualquer estratégia de **acesso ao mercado português** (ou brasileiro), nem no âmbito da produção nem no da distribuição (tampouco de obras relacionadas com a tradição literária medieval compartilhada entre a Galiza e Portugal). Desta maneira, das ideias propostas com este fim pelos agentes presentes nos livros coletivos de que partimos na nossa análise (a aproximação ortográfica galego-portuguesa e a criação duma editora “de enlace”, nomeadamente), essa empresa editorial nunca foi constituída e, quanto ao alargamento do mercado linguístico e o reforço simbólico da consciência idiomática unitária galego-portuguesa por meio da elaboração para a língua da Galiza dum estándar afim às variantes lusa e brasileira da língua teoricamente compartilhada, esta ideia foi ensaiada por grupos ditos reintegracionistas desde o fim do período abrangido por este estudo até a atualidade, sempre desde a periferia do SCG e com a oposição das instituições políticas e culturais autonómicas.

Vale a pena desenvolver este ponto porque, partindo da aceitação do facto filológico da unidade linguística galego-portuguesa, alguns dos agentes mais centrais do SCG do tardofranquismo e a transição propõem a decidida aproximação (sobretudo ortográfica) do galego ao estándar português sob o argumento de que “abriría pra nosa producción literaria un mercado de posibilidás mais alá de todo cálculo”, segundo palabras do empresário galeguista Valentín Paz-Andrade (*PLG* 132). Ainda neste sentido, o já mencionado Xosé Luís Franco Grande convida os seus leitores a repararem no

futuro incalculable que temos ahí á nosa veira: o mundo de lingua portuguesa, que polo de agora aínda non se soupo, ou non se puido, explorar. E que polo de agora non semella moi facedeiro, a menos que teñamos un pouco de realismo e, dando os pasos que haxa que dar e co vagar que se queira, cheguemos a unha aproximación ortográfica co portugués -hastra onde o consintan as realidades das dúas linguas-, semellante á portuguesa-brasileira. Non ver isto é estar cegos pra as máximas posibilidades culturais que a nosa cultura ten e que xa outros quixeran pra sí. É estar cegos pra o porvir (*AG* 100-101).

Também o líder de Galaxia, Ramón Piñeiro, reflexiona sobre a plasmación no campo editorial da ideia da Galiza como elo de unión entre Espanha e Portugal, elaborada polo galeguismo de pré-guerra:

Galicia está no medio de dous mundos culturais: o mundo hispánico e o mundo lusitano. Galicia, punto de converxencia dos dous asumirá editorialmente esse papel incorporando o mundo hispánico ao lusiada, o mundo lusiada ao mundo hispánico, e o galego a ambos mundos. Trátase dunha política cultural. O problema está en transformala en política editorial (*LGD* 14).

Ainda neste sentido, a proposta mais debatida na segunda jornada do encontro sobre o Livro Galego foi apresentada por Rafael Dieste, galeguista de esquerdas retornado do enclave bonaerense, que advogou pola criação

dunha gran editorial que sirva de enlace coas culturas castelán e portuguesa, [...]. Trátase de que o libro galego teña mercado en toda a península (comprendido Portugal) e en toda a área da fala castelán e portuguesa. Editaría en castelán, galego e, a ser posible (sempre dentro de certas normas que impliquen homaxe a Portugal) [normas não explicitadas], en portugués (*LGD* 13-14).

A proposta de Dieste passava, portanto, por ampliar mercados para o livro galego editando tanto em castelhano como em português⁵. Ao não se implementarem estas estratégias, a presença de produtos galegos no campo editorial português ficou estabelecida unicamente em função das relações intersistémicas existentes entre alguns dos grupos atuantes no SCG e os seus homólogos portugueses (veja-se Torres Feijó 2007), limitando-se à publicação por editoras do país vizinho de alguns dos produtores galegos (que utilizam qualquer um dos vários modelos propostos na altura para a língua da Galiza ou adaptam total ou parcialmente os seus textos ao estándar de Portugal).

Neste sentido, destacam os contatos entre os principais grupos da esquerda nacionalista galega com partidos políticos homólogos em Portugal, já que possibilitam a publicação em editoras de além Minho de alguns textos poéticos e ensaios de carácter político e económico. Assim, dous poetas ligados à comunista União do Pobo Galego (UPG), Celso Emílio Ferreiro e Manuel Maria Fernández Teixeira, publicam com leves adaptações ortográficas duas antologias da sua poesia social-realista em 1972 na editora Razão Actual do Porto, ligada ao comunismo português. Da relação apontada entre grupos políticos de aquém e além Minho resulta também a edição lusa dos *Sonhos na gaiola. Versos para crianças* de Manuel Maria (Lisboa, Ed. Serviços Sociais dos Trabalhadores da C.G.D, 1977) e também a publicação da *Introdução ao nacionalismo galego* (Porto, Paisagem, 1973) de José Viale Moutinho, principal agente galeguista no âmbito da esquerda comunista portuguesa que ainda será responsável pela edição lisboeta do *Catecismo do camponês* de Lamas Carvajal (Ed. Futura, Lisboa, 1975), dum poema do mesmo autor no livro *De foice erguida (Poesia Galega de Combate)* (Coimbra, Centelha, 1978) e pelas *Memórias de um pequeno camponês* (Lisboa: Forja, 1977) de Xosé Neira Vilas. Um dos máximos ideólogos políticos da UPG na altura, o professor na área da economia na Universidade de Santiago Ramón López-Suevos, publica por seu lado três ensaios: *Para uma visão crítica*

5 Na atualidade, se bem a grande maioria das editoriais sediadas na Galiza têm no seu catálogo livros em galego e em castelhano, apenas uma editora próxima do nacionalismo político, Edicións Laiovento, mantém uma coleção de livros em estándar português (Vento do Sul) de precária distribuição no país vizinho. Precisamente de distribuição e comercialização, mas neste caso do livro português na Galiza, ocupa-se quase em exclusiva a pequena empresa compostelã Livros Portugueses, responsável da livraria A Palavra Perduda na capital galega.

da economia galega (Porto, Afrontamento, 1976)⁶; *Excedente económico e análise estrutural* (Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1978; publicado por Galaxia um ano antes) e, na mesma editora e ano, *Acotacións á teoría do imperialismo de Rosa Luxemburg*. Por último, outro agente ligado à esquerda socialista, Xesús Cambre Mariño, publica *A agonia do fascismo espanhol* na lisboeta Seara Nova em 1977, facto ao qual não deveram ser alheios os contatos destes grupos com Manuel Rodrigues Lapa, principal agente do galeguismo em Portugal ligado historicamente ao grupo Galaxia.

Por seu lado, as estreitas relações culturais estabelecidas entre os grupos mais institucionalizados do SCG com vários agentes centrais nos campos literários de Portugal e do Brasil (sobretudo, quanto ao relacionamento dos agentes agrupados em volta de Galaxia com agentes portugueses, até à Revolução dos Cravos de Abril de 1974) têm maior plasmação no âmbito das publicações periódicas do que no campo do livro do país vizinho, onde são praticamente inexistentes neste período⁷.

Sem o desenho, a planificação e a implementação de ações de política cultural conducentes à introdução do livro galego no mercado português, a alegada **ampliação de mercados** reduz-se, portanto, aos mercados galego e espanhol. Para este fim, as estratégias dos agentes envolvidos no CEdG dizem

6 A versão galega foi publicada por Edicións do Ruedo em 1975; a edição portuguesa leva um prefácio de Xosé M. Beiras, na altura catedrático de estrutura económica da USC e líder do Partido Socialista Galego (PSG), o outro grupo político localizado na esquerda nacionalista e aliado intermitentemente com a UPG durante o último franquismo e a transição (veja-se Samartim 2004).

7 Sem ânimo de sermos exaustivos, a presença no mercado editorial português da altura de agentes relacionados com estes grupos mais institucionalizados descansa na participação de colaboradores galegos ligados a Galaxia na redação do *Dicionário de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira, literatura galega, estilística literária* dirigido por Jacinto do Prado Coelho (Porto, Figueirinhas, 1960¹), reeditado em 1973 e 1978; na edição de *As lendas tradicionais galegas* recopiladas pelo membro da Real Academia Gallega (*sic* RAG) Leandro Carré Alvarelos e publicadas em 1969 pelo Museu de Etnografia e História do Porto; e nas três obras editadas em Braga (na Oficina Gráfica da Livraria da Cruz) da autoria de Henrique Chao Espina, agente enquadrável no que chamámos em Cordeiro Rua e Samartim 2008 “Grupo Filgueira”: a edição, em espanhol, das *Hojas sueltas de temas vivarienses* em 1969, as *Diferenças entre o Vocabulário português e o galego* em 1972 e *As Lembranças de Don Inda* em 1976, estas duas últimas obras, em rigor, separatas de *Bracara Augusta. Revista cultural de regionalismo e história da Câmara Municipal de Braga* (Vol. XXIV, fasc.57-58, 1970 e Vol. XXX, fasc.70[82], 1976).

querer focar prioritariamente a edição bilíngue galego-castelhana e a tradução do livro em galego para espanhol, limitando a importação de produtos pola via da tradução para galego apenas àqueles textos que melhor contribuam para a superação dos principais défices detetados no campo (textos litúrgicos, infanto-juvenis, científico-técnicos, etc.) (Figura 7).

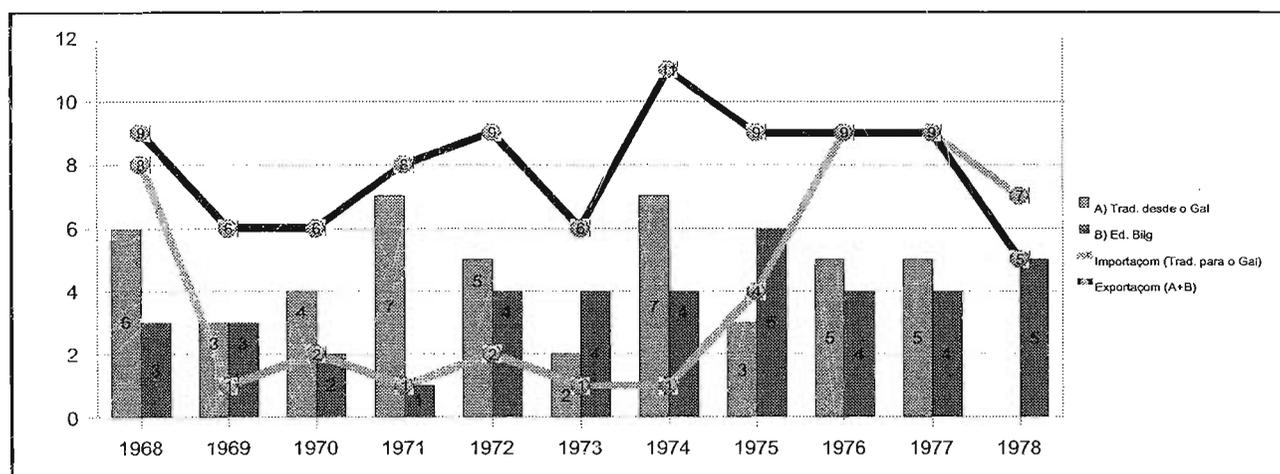


Figura 7: Tradução e bilinguismo no CEdG de 1968 a 1978

Fonte: Projeto FISEMPOGA - Grupo Galabra. Elaboração própria

Quanto à edição em mais duma língua (3% da produção total censada), os nossos trabalhos prévios (Cordeiro Rua e Samartim 2008) indicam que esta é uma estratégia utilizada tanto pelas editoras galegas para entrarem no mercado espanhol como por editoras com sede em Madrid e Barcelona para ampliarem o seu catálogo e tomarem posições no mercado da Galiza, assim como que são os grupos de esquerda com ligações estatais os que recorrem em maior medida a este tipo de edição, fundamentalmente promovendo a publicação de antologias poéticas ou poesia social-realista, em exemplares bilíngues galego-castelhana ou tetralíngues galego-castelhana-catalão-euskara (com alguma inclusão ocasional de versões em português) com o objetivo de contribuir para o estabelecimento dum intersistema cultural hispânico, com o espanhol como língua-ponte compartilhada polos diferentes povos que conformam o Estado Espanhol.

Contudo, podemos afirmar em geral que, nesta altura, a **exportação** de produtos galegos ao mercado espanhol passa tanto pola tradução (2% da produção total) como pola edição de textos em duas ou mais línguas⁸, traduzindo-se

fundamentalmente para castelhano poesia social e, entre os narradores, Blanco-Amor, Cunqueiro e Neira Vilas, com alguma presença menor de Castelao e Rosalia (isto é, cânone fixo no último caso e repertórios ruralistas e assimiláveis ao realismo mágico latino-americano quanto aos três narradores referidos).

O volume, a natureza e a distribuição cronológica da importação pela via da **tradução para galego** de textos originais noutras línguas está a indicar uma estratégia que passa por reforçar o mercado interno e por preencher alguns dos principais défices do sistema, nomeadamente aqueles que dizem respeito à necessidade de contar com materiais para a liturgia católica em galego (na sequência do Concílio Vaticano II de 1965) e de ganhar o público jovem para esta língua através da edição de literatura infanto-juvenil (em relação também com a perspetiva aberta pela Ley General de Educación de 1971 de incluir como matéria optativa a língua galega no sistema de ensino oficial).

Assim, quanto ao volume e à tipologia da tradução para galego, esta significa 3% da produção total nesta língua (45 títulos), predominando os materiais importados por esta via do sistema francês (segunda língua no sistema oficial de ensino na altura) e destinados ao público infanto-juvenil (*O principião* de Saint-Exupèry e o ciclo de aventuras de Asterix de René Goscinny e Albert Uderzo somam uma dúzia de exemplares); na continuação destacam por número de títulos as traduções de línguas clássicas, nomeadamente uma dezena de exemplares relacionados com a religião católica, destinados a serem utilizados na sua liturgia e publicados maioritariamente nos primeiros anos do nosso estudo sob o carimbo de SEPT (o selo do grupo Galaxia para assuntos de filosofia e religião). Junto a estas espécies, encontramos um grupo de produtos traduzidos fundamentalmente do espanhol e do inglês, onde destacam clássicos desses sistemas (Cervantes, Quevedo e Shakespeare), dous textos de produtores galeses e irlandeses (sistemas emergentes em língua inglesa que funcionam historicamente como referente de analogia no SCG por meio do celtismo) e algumas traduções promovidas desde os grupos da esquerda para fazerem a sua função no campo político da altura (desde o poeta da esquerda cubana Nicolás Guillén ao *Manifesto do Partido Comunista* de Karl Marx, por exemplo).

Em síntese, as estratégias dos agentes atuantes no CEdG entre 1968 e 1978 destinadas a diversificação da tipologia da produção passam fundamentalmente pela importação mediante a tradução para o galego de obras que contribuem

para a incorporação desta língua à liturgia católica nos primeiros anos do nosso período de estudo, assim como pela produção e, em menor medida (5 obras das 58 catalogadas), também pela tradução de literatura destinada ao público infanto-juvenil ao longo de todo o período; neste sentido, aponta-se já nesta altura uma destacada tendência do CEdG dos anos posteriores: a tradução para galego de literatura infanto-juvenil escrita originariamente em catalão (já um livro em 1978), o aumento de produção deste género e a circulação de materiais desta tipologia pelos vários espaços linguísticos do Estado (veja-se González Figueiras 2008).

Assim, a importação (tradução para galego) já superará a exportação (tradução desde o galego e edição bilíngue) no último ano do nosso estudo (facto que também verificamos na atualidade: em 2006 só foram traduzidos 46 livros desde o galego) por mais que, no conjunto do período analisado, ainda são mais os esforços destinados à **ampliação de mercados para o livro em galego** (83 exemplares, 6,5% da produção, focando quase em exclusiva o mercado espanhol) do que as possibilidades de prestigiar a língua galega e diversificar a tipologia da produção editorial através de traduções para galego. Neste sentido, à hora de traduzir para galego neste período (sem qualquer apoio institucional desde o campo político) os agentes levam em conta as possibilidades de acesso do público da Galiza aos produtos internacionais através da edição em espanhol. Assim o refere no *PLG* Epifanio Ramos de Castro, professor no mesmo liceu luguês e colaborador de Xesús Alonso Montero (principal ativo na Galiza do Partido Comunista de España):

non é o mesmo traducir do galego a unha lingua estranxeira -aparte o castelán, naturalmente-, que dunha lingua estranxeira ó galego. Na practica, e paradóxicamente, o francés, o inglés, o alemán e mailo ruso están mais necesitados de traducir a Castelao á súa lingua que nós de traducir a Balzac, a Joyce, a Brecht ou a Maiakowski á nosa. [...]. Nós podemos ler, mal que bem, a eses autores, sexa en castelán (de España ou de América), sexa noutro idioma, mentras que iles teñem á forza que traducilos (*PLG* 94).

Em última instância, a estratégia de tradução rascunhada por este agente próximo do principal grupo da esquerda com ligações estatais está a reservar para o castelhano, de facto, o papel de mediador da cidadania galega com a cultura universal e de porta de acesso desta ao conhecimento científico-técnico.

Não devemos esquecer, por último, que os grupos editoriais galegos acedem ao mercado espanhol editando diretamente em castelhano produtos relacionados com a divulgação intelectual e científico-técnica e, fora a maioritária edição institucional, apenas cinco empresas (com Ediciós do Castro à cabeça) acumulam 20% da produção total em língua castelhana (veja-se atrás a Figura 5).

Muito tem mudado o panorama editorial galego nestes últimos trinta anos e, no período autonómico que começa após 1978, assistimos fundamentalmente a uma forte institucionalização do SCG e ao surgimento paralelo duma **indústria do livro galego** sustentada num produto de consumo massivo virado para o mercado escolar, com apoio institucional e com menor produção de livro literário em língua galega que de livro funcional.

Ao lado desta importante diferença entre o CEdG anterior à autonomia política e o campo editorial na Galiza actual, verificamos também que a principal similitude entre estes dous momentos tem a ver com que a maioria da produção da indústria do livro galego continua a ser responsabilidade da empresa privada (aproximadamente 60% do total em 2006). Constatamos ainda algumas outras mudanças significativas, que colocamos na continuação de maneira sumária:

- 1. Aumento do volume da edição e das tiragens:** Segundo os dados contidos no *Anuario de estadísticas culturais* correspondente a 2006, os 1.592 títulos editados por empresas privadas (dos quais 1.323 em galego)^a tiveram uma tiragem média de 1.891 exemplares por título. Isto traduz-se em termos económicos em que as empresas editoriais galegas pagaram nesse ano 2006 1,9 milhões de euros em conceito de direitos por autoria, que deram trabalho a 224 pessoas e que só o livro literário galego faturou nesse ano 3,80 milhões de euros, o que supõe apenas 2,52% do total do mercado do livro na Galiza.
- 2. Substituição do livro literário polo livro funcional em galego:** O escasso peso relativo do livro literário na edição em galego verifica-se em que a soma dos géneros narrativo, poético, ensaístico e dramático na língua da Galiza significa menos de 20% da produção total nesta língua (Figura 8). Se na hierarquia de géneros o ensaio substitui a poesia no último ano do nosso estudo, na actualidade o género claramente maioritário é a narrativa, que supõe além do mais 85% das vendas de literatura na Galiza.

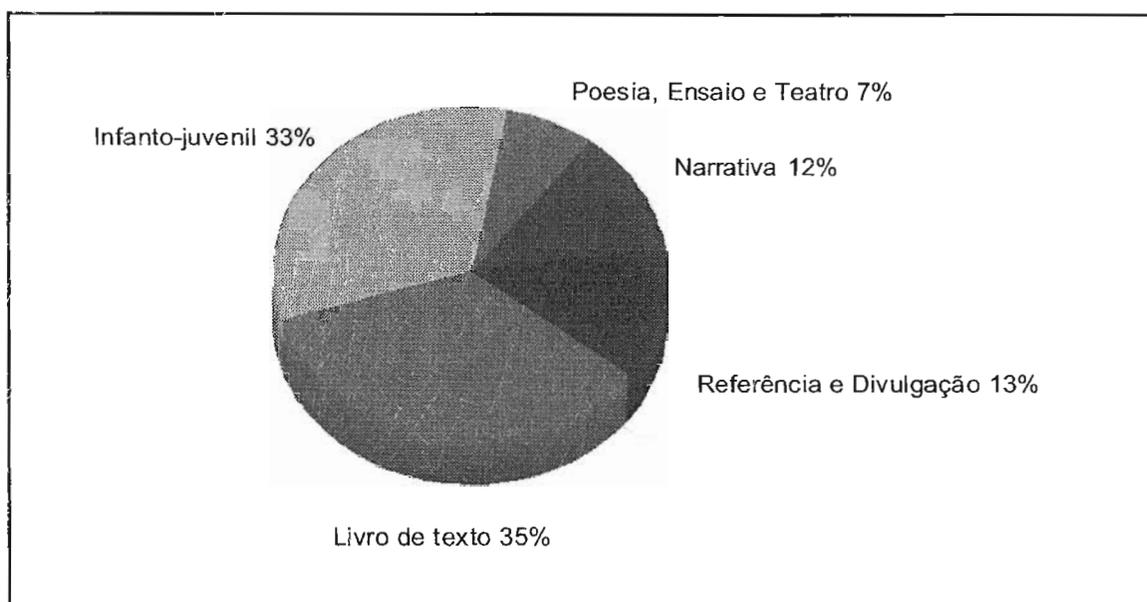


Figura 8: Tipologia da edição privada do livro em galego (ano 2006)

Fonte: Comercio interior do livro 2006. Elaboração própria.

- 3. Apoio institucional:** O apoio à compra de livro galego pola Conselleria da Cultura da Xunta de Galicia significou em 2006 22,4% do total das vendas (dado que cuestiona o grau de autonomia do campo editorial com respeito ao poder político autonómico).
- 4. Dependência do sistema escolar:** O volume de produção de livros de texto e de literatura infanto-juvenil em 2006 demonstra claramente a dependência que o CEdG tem do campo do ensino desde que a materia obrigatória de Língua Galega entrou no sistema educativo galego em 1982.

Levando em conta a influência na indústria editorial da função atribuída à estatutariamente “língua própria” da Galiza no sistema de ensino, finalizamos apontando para a necessidade de estudar as repercussões neste sentido da legislação em matéria linguística que regula o uso e a promoção do galego no sistema educativo, tanto do Decreto 124/2007 (D.O.G. de 29-6-2007), que reservava para o galego o carácter de língua veicular de (no mínimo) 50% do curriculum escolar na Galiza, como da derrogação deste decreto anunciada polo

governo galego eleito em 2009 para o substituir por outro que viria reduzir a percentagem atribuída à língua galega no ensino.

4. Bibliografia

- CASARES MOURIÑO, C. (dir.) (2003): *Catálogo de obras literarias en lingua galega traducidas a outros idiomas. Unha primeira achega* (Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega-Sección de Cultura Galega no Exterior).
- CORDEIRO RUA, G. / Samartim, R. L.I. (2008): “O panorama editorial galego no tardofranquismo e na transiçom”, em Romero Portilla, P. / García Hurtado, M.-R. (eds.), *El libro en perspectiva. Una aproximación interdisciplinaria. III Simposio de Estudios Humanísticos*: 161-193 (Corunha: Universidade da Coruña, Servizo de Publicacións).
- Federación de Gremios de Editores de España (2007): *Comercio interior del libro en España 2006* ([Madrid]: Federación de Gremios de Editores de España, acessível em <http://www.federacioneditores.org/SectorEdit/Documentos.asp>, última consulta 15-10-2009).
- GONZÁLEZ FIGUEIRAS, C. (2008): “Nacionalizar com mortos, alfabetizar com estrangeiros. Tradiçom, produçom e importaçom em sistemas literários em emergência: o caso galego (1968-1982)”, em *Actas do IX Congreso da Associação Internacional de Lusitanistas (Madeira: Funchal 4 /9-08-2008)* [no prelo].
- Observatorio da Cultura Galega (2008): *Anuario de estadísticas culturais 2006* (Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega).
- SAMARTIM, R. L.I. / Cordeiro Rua, G. (2009): “O Pensamento Cultural Galego em Referência a Portugal: Posiçom e Funçom de Ideias e Grupos no Tardofranquismo e na Transiçom”, em *O Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000. Actas do I Congreso Internacional*: 171-196 (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda).

- SAMARTIM, R. L.I. (2004): “Presença e referêncía portuguesas nas estratégias sócio-culturais dos grupos políticos na Galiza tardofranquista”, em *[Atas do] VIII Congreso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais (Coimbra 16/18-09-2004)* (acessível em http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/Roberto_Samartim.pdf, última consulta 15-10-2009).
- TORRES FEIJÓ, E.J. (2000): “Norma lingüística e (inter-)sistema cultural: o caso galego”, em Carrasco, J.M. / Fernández García, M.J. / Leal, M.L. T.M. (eds.): *Actas del Congreso Internacional de Historia y Cultura en la Frontera – I Encuentro de Lusitanistas Españoles (Cáceres, 10/12-11-1999)*: T.2, 967-996 (Cáceres: Universidad de Extremadura).
- TORRES FEIJÓ, E.J. (2004): “Contributos sobre o objecto de estudo e metodoloxía sistémica: Sistemas literários e literaturas nacionais”, em González, A. A. / Tarrío, A. (eds.): *Bases Metodolóxicas para unha Historia Comparada das Literaturas da Península Ibérica*: 423-444 (Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela).
- TORRES FEIJÓ, E.J. (2007): “O 25 de Abril e as súas inmediatas conseqüências para e no campo cultural galeguista”, em Lama López, M.X. (ed.): *Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos: “Mulleres en Galicia” / “Galicia e os outros pobos da Península” (Barcelona, 28/31-5-2003)*: 689-702 (Sada: Ediciós do Castro / Barcelona: Centro de Estudos Galegos).
- AG = VV.AA. (1974): *Almanaque Galaxia 1950-1975* (Vigo: Galaxia).
- LGD = VV.AA. (1974): *O Libro Galego a Discusión. Crónica sobre o primer seminario encol do libro galego, coas ponencias presentadas e as conclusións a que chegou, celebrado no Museo Carlos Maside en Xulio de 1972* (Corunha: Ediciós do Castro).
- PLG = Círculo de las Artes (1968): *O Porvir da Língua Galega* (Lugo: Círculo de las Artes, Instituto de Estudios, Sección de Publicaciones).